

## A ORDEM ORACIONAL EM KAYABÍ

Nataniel dos Santos Gomes (UNAM/UNESA/UniverCidade/UFRJ)

### RESUMO

Abordar a estrutura das orações na língua indígena brasileira Kayabí, segundo a teoria gerativa. Veremos a ordem dos constituintes oracionais em construções declarativas, narrativas e de enfoque.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística, Gerativismo, Línguas Indígenas

### INTRODUÇÃO

A primeira classificação da língua Kayabí como pertencente à família Tupi-Guarani foi feita de 1927, por Max Schmidt, que coletou uma lista de 24 palavras.

A autodenominação dos Kayabí é *janere* ‘nós, os verdadeiros’. A origem da denominação *Kayabí* é desconhecida.

O habitat considerado Kayabí nas margens dos rios Teles Pires, Verde, Arinos, dos Peixes, até o rio Peixoto de Azevedo, foi disputado pelos grupos apiaká, mundurukú, bakairí, beíço-de-pau, entre outros, em constantes conflitos pelos domínios da terra e monopólio de pedras (usadas para a produção de machados).

Os Kayabí classificavam antigamente os não-índios como seres sobrenaturais, que teriam vindo para a terra da moradia dos xamãs mortos.

Um recenseamento feito pelo Pe. João Dornstauder em 1955 identificou 340 Kayabí espalhados no rio Teles Pires, no rio dos Peixes, nos vários postos da SPI e no rio Xingu.

Os índios Kayabí são atualmente localizados em três regiões: no Parque Indígena do Xingu, com aproximadamente 800 indivíduos; no Posto Tatuí, no rio dos Peixes, com aproximadamente 200 indivíduos, e no sul do Pará, no rio Teles Pires, com aproximadamente 80 indivíduos. Alguns Kayabí vivem dispersos fora das reservas indígenas.

A língua Kayabí pertence à família Tupi-Guarani, do tronco Tupi (Rodrigues 1958 e 1984). Mesmo com dispersão dos Kayabí, a língua tem se mantido com variações mínimas.

O tupi-guarani é uma das 7 famílias lingüísticas (e mais 3 isoladas) que pertencem ao tronco Tupi (segundo a classificação de Rodrigues 1986). A família lingüística Tupi-Guarani consiste de 21 línguas, e o Kayabí é uma delas.

A maioria dos Kayabí ainda usa o seu idioma para comunicação em casa. Porém, o bilingüismo com o português tem aumentado nos últimos anos.

O crescente conhecimento do português se deve à convivência com a sociedade envolvente, à escola (ensino em português), ao rádio e à televisão já presentes em algumas aldeias e postos etc. A maioria dos índios Kayabí pode se comunicar na própria língua. Entretanto, algumas crianças já não aprendem mais a falar o Kayabí como língua materna.

Os estudos lingüísticos realizados pelos pesquisadores do Summer Institute of Linguistics (SIL) tem servido como base de dados para várias pesquisas. Temos, por exemplo, as gramáticas feitas por Dobson, que contém um bom material descritivo sobre a língua, e os de Weiss, que trazem um material mais ligado à lexicologia da língua Kayabí.

#### A ESTRUTURA ORACIONAL SEGUNDO A TEORIA GERATIVA

##### *A estrutura oracional é dividida em três camadas:*

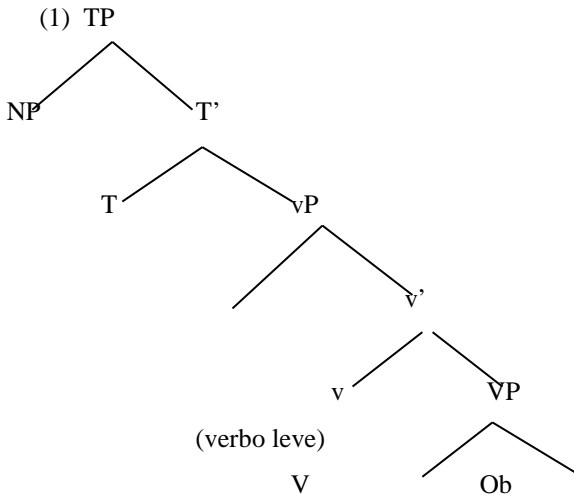
###### *(a) O nível lexical*

O nível lexical ou temático em que o verbo e os seus argumentos são projetados no sintagma verbal (VP). Desde Chomsky (1995), postula-se que a projeção de uma estrutura transitiva e de verbos intransitivos inergativos, como “fumar”, “trabalhar”, “dançar”, contém uma categoria – *v* – que é um núcleo funcional causativo que seleciona um VP como complemento. O núcleo deste VP é o verbo lexical (transitivo ou inergativo). O núcleo causativo também chamado de “verbo leve” tem como propriedade selecionar um argumento externo que se manifesta sintaticamente como sujeito. *v* tem traços nominais de caso acusativo e traços verbais de concordância de objeto.

(b) *A camada flexional.*

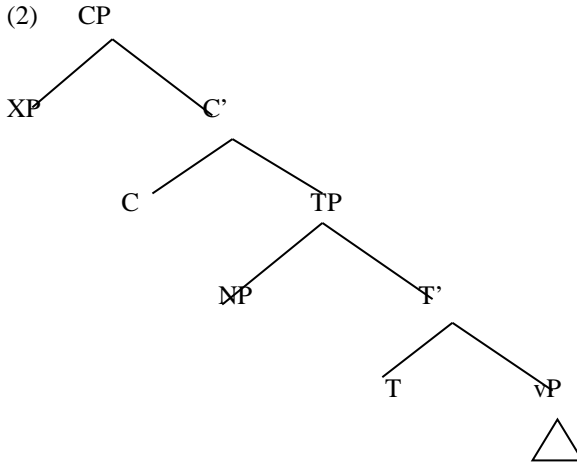
Além do sintagma *vP*, há o núcleo de Tempo (T) que seleciona *vP* como complemento e admite um NP na posição de especificador. É para Spec, TP que vão os sujeitos. Todo SN sujeito se move para ai. T tem traços de caso nominativo e de concordância de sujeito.

A representação abaixo ilustra a estrutura de uma oração com as camadas lexical e flexional.



(c) *(c) a camada de complementizador:*

Acima de TP há ainda uma categoria funcional CP – cujo núcleo C pode abrigar conjunções (“se”, “que”), verbos movidos (V2) e cujo especificador pode abrigar os sintagmas interrogativos e os elementos focalizados ou topicalizados. C seleciona TP como complemento e contém traços de operador. Representamos abaixo uma estrutura oracional transitiva completa, de acordo com abordagem gerativa atual:



#### A ORDEM DOS CONSTITUINTES ORACIONAIS

O verbo e seus argumentos são projetados dentro de VP. De acordo com Chomsky (1995), os itens lexicais já saem do léxico flexionados, contendo seus traços morfossintáticos (caso, concordância).

A inter-relação entre categorias funcionais e categorias lexicais é responsável pela ordem dos constituintes oracionais, pelas relações de caso e de concordância, entre outras.

O movimento dos constituintes oracionais é provocado pelas propriedades dos traços morfológicos das categorias funcionais que, por serem não interpretáveis nos níveis de interface, precisam ser eliminados. É através do mecanismo de checagem com os traços correspondentes das categorias lexicais que os traços dos núcleos funcionais são eliminados.

Os traços abstratos dos núcleos funcionais são de natureza nominal (N) e verbal (V). Os traços nominais referem-se a caso e EPP e os verbais a concordância e caso. Os traços N de Tempo exigem que um NP se mova para a posição de [Spec, TP] para checar o traço de caso nominativo e o traço EPP.

Os traços dos núcleos funcionais são parametrizados em for-

tes e fracos. Os traços fortes são aqueles que precisam ser eliminados na sintaxe aberta, porque não são interpretáveis na Forma Fonológica. São estes traços fortes que provocam o movimento visível dos constituintes gerados em VP. Os traços fracos podem ser eliminados no componente encoberto (Forma Lógica).

Os traços dos itens lexicais e dos núcleos funcionais são checados nas configurações de Especificador / Núcleo. Quando um núcleo funcional tem traços nominais fortes, ele atrai os sintagmas nominais para a posição de Spec, onde os traços de caso serão checados.

Quando os traços verbais são fortes, o verbo se move para a posição de núcleo.

Postula-se que T tenha traços nominais fortes em todas as línguas. Tal fato indica que o sujeito é sempre movido para [Spec-TP] em sintaxe aberta.

Para se verificar se um constituinte oracional foi movido ou não, utiliza-se a posição dos advérbios, quantificadores e da negação como evidência. Pollock (cf. Haegeman) propõe que os advérbios são gerados em adjunção ao VP. Sendo assim, se um constituinte ocorre à esquerda de um advérbio, é sinal de que ele se moveu para uma categoria funcional acima de VP. Se o constituinte ocorre à direita do advérbio, é sinal de que ele continua dentro de VP.

Em Francês, parece que tanto o verbo, quanto o sujeito se movem para cima de VP, uma vez que ocorrem à esquerda do advérbio.

1. John embrasse souvent Marie.  
João beijar frequentemente Maria  
'João beija frequentemente Maria'
2. John n'aime pas Marie  
John neg amar neg Maria  
'John não ama Maria' (Benmamoun, 2000:12)

Em Inglês, como o sujeito aparece à esquerda do advérbio, postula-se que somente ele é movido em sintaxe aberta.

3. John's often kisses Mary  
João frequentemente beijar Maria  
'João frequentemente beija Maria'

4. John does not love Mary  
João aux. neg. amar Mary  
'João não ama Maria'. (Benmamoun, 2000:12)

Dentro do quadro de Chomsky (1995), pode-se dizer que em Francês T tem traços nominais e verbais fortes, ao passo que em Inglês T tem apenas traços nominais fortes, que provocam o movimento do sujeito.

Quando *v* tem traços nominais fortes, ele atrai o objeto para a posição de seu especificador. O movimento do objeto pode ou não estar condicionado ao movimento do verbo para o núcleo *v*.

A ordem SOV pode ser derivada de SVO através desses movimentos. SOV também pode ser uma ordem em que o objeto e o verbo são gerados nessa posição.

C com traços nominais forte atrai a palavra interrogativa para a sua posição de Spec e com traços verbais fortes atrai o verbo para si, como ocorre nas línguas V2.

#### OBSERVAÇÕES SOBRE A ORDEM EM KAYABÍ

Em Kayabí, existe uma variação na ordem dos constituintes. Dependendo da forma verbal, se narrativa ou declarativa, encontramos possibilidades de ordem diferentes.

#### *As construções declarativas*

Como vimos no capítulo 2, nas estruturas declarativas, o verbo vem marcado com os afixos de pessoa, cuja escolha nas construções transitivas obedece à hierarquia referencial.

Verificamos vários tipos de ordem nessas construções:

- (i) Quando o sujeito e o objeto são SNs, observa-se a ordem SOB ou OSV.
5. ya' wapinim-a mo'a-u      SOV  
jaguar-nm cobra ele-comer

- ‘O jaguar comeu a cobra’  
6. Tagea’i ki)ã je-mena a-juka  
Tagea’i ele 1-poss.marido 3.matar  
“O meu marido matou Tagea’i” (Weiss 1972:5)

(ii) Quando o objeto é SN e o sujeito é um elemento pronominal, verificam-se as ordens OSV e VSO.

7. miara je a-juka OSV  
onça eu 1sg-matar  
‘Eu matei uma onça’  
8. Wopo kyná kanape-a VSO  
fazer ela bolo de mandioca-nom  
‘Ela faz bolo de mandioca’  
9. Tapi’ira kawete je a-juka OSV  
Onça gorda eu 1sg-matar  
‘Eu matei uma anta gorda’

(iii) Quando o objeto é um elemento pronominal e o sujeito é pronominal, verifica-se a ordem VS. Neste caso, o objeto quando de 1ª ou 2ª, aparece incorporado ao verbo e o sujeito é. Quando o objeto é de 3ª, obtém-se a ordem VSO, porque ele não se incorpora ao verbo:

10. Anupã je pe)e)  
espancar 1sg 2pp  
‘Eu espanco vocês’  
11. Eneresak ‘g)a)  
Eles ver 2ps  
‘Eles vêem você’ (Dobson 1988:39)  
12. je-nupã gã  
1sg-bater ele  
‘Ele me bateu’  
13. a-nupã je gã  
1sg-bater eu ele  
‘Eu bati nele’

(iv) Quando o sujeito é SN e objeto um pronome, o objeto deve ocorrer afixado ao verbo e o sujeito aparece em 1ª posição na ordem SV.

14. miara je-u’u

onça 1sg-morder  
'A onça me mordeu'

(v) Nas formas negativas, a ordem preferida é VSO, se o sujeito for um pronome ou SN e o objeto um SN ou pronome. Se o sujeito é de 3ª ou 2ª e o objeto é de 1ª ou 2ª, estes ocorrem afixados ao verbo e a ordem é VS.

15. n-a-juka-i je miara  
neg-1sg –matar-neg eu onça  
'Eu não matei a onça'
16. na-je-roesag-i 'g)a)  
neg-1sg-rel-ver-neg ele  
'Ele não me viu'
17. n-u-apo-i 'g)a yrupema  
neg-3-fazer-neg ela cesta  
'Ela não fez cesta'

*As construções declarativas com verbos intransitivos*

(i) Quando o sujeito é um SN, verifica-se tanto as ordens SV quanto VS.

18. 'u'ywa-r-afa o-sok  
flecha-rel-ponta 3-sair  
'A ponta da flecha saiu'
19. akuway kumia  
quente comida  
'A comida está quente'

(ii) Quando o sujeito é pronominal a ordem verificada é VS nas formas declarativas:

20. o-set kynā  
3-dormir ela  
'Ela dormiu'
21. a-'at je  
1sg-cair eu  
'Eu caí'



*As construções narrativas*

Dobson (1988:91) citando Grimes (1975), define o discurso narrativo como:

- (i) o relato de eventos que realmente aconteceram, ou que as pessoas imaginam ter acontecido, por exemplo, os eventos das lendas, e também (ii) a narração de não-eventos, os quais abrangem descrições de participantes, cenários e informação colateral.

Dobson (1997:90) explica que “Em qualquer oração em que haja mais de um verbo, qualquer verbo secundário tem de ser da forma narrativa.”

O verbo transitivo na forma narrativa só marca o objeto, já o verbo intransitivo marca o sujeito:

(i) Quando o sujeito e o objeto são SNs verifica-se a ordem SOV

- 22. kasurua miara mojeupit  
cachorro onça subir  
'O cachorro subiu a onça' (= o cachorro fez a onça subir)
- 23. Kasurua miara mujaãn-a  
Cachorro onça correr-narr  
'O cachorro correu (atrás da) onça'

Note-se que nas formas narrativas, há verbos que pedem o prefixo relacional *r-* entre ele e o objeto (23); enquanto que outros têm o prefixo relacional  $\emptyset$ , como em (22):

- 24. kasurua miara r-esak-a  
cachorro onça rel-ver-nar  
'O cachorro viu a onça'

Quando, na forma narrativa, o objeto está separado do verbo cujo prefixo relacional é  $\emptyset$ , usa-se o pronome *i-* afixado na morfologia verbal.

- 25. miara kasurua i-mujãn-a OSV  
onça cachorro 3-correr-narr  
'o cachorro correu atrás da onça'

Quando o verbo tem o prefixo relacional *r-*, a topicalização do objeto não engatilha nada na morfologia verbal, como em (25):

26. miara kasurua Ø esaka  
onça cachorro ver  
'O cachorro viu a onça'

(ii) Nas formas narrativas, quando o sujeito é um SN e o objeto é pronominal a ordem é SV, já que o objeto ocorre como se estivesse incorporado ao verbo.

27. kasurua je-r-esak-a                      SOV  
cachorro 1sg-rel-ver-narr  
'O cachorro me viu'

### *Enfoque*

Essa forma é usada para chamar atenção para um evento ou para uma pessoa, como um foco.

A forma de enfoque só ocorre quando o sujeito é da 1ª ou 3ª do singular e do plural. Os indicadores de pessoa para os verbos intransitivos são os pronomes livres independente da classe do verbo.

Como vimos acima, a forma de enfoque caracteriza-se pelo posicionamento de um sintagma na periferia esquerda da oração. Este sintagma não pode ser nem o sujeito nem o objeto.

Os exemplos mostram que a ordem preferencial para os sintagmas de sujeito e objeto é SOV.

Quando o sujeito é pronominal, verifica-se que ele ocupa a 2ª posição na sentença, independente do que vem antes ou depois. Assim, tem-se a ordem: XPSOV, sendo o sujeito um pronome ou um SN.

28. Amanipe je mama'e tym-i  
Chuva em 1-coisa plantar-enf  
No tempo da chuva, eu planto as coisas' (Dobson: 118)

Nas construções intransitivas, o sujeito é sempre preposto ao verbo e a ordem é XPSV. Segundo Dobson (1988:48) a negação não pode ocorrer na forma de enfoque.

29. Ai'we ore oì  
Amanhã 1pp ir  
Amanhã iremos.

Os sujeitos pronominais que ocorrem em 2ª posição são pronomes que parecem ter natureza clítica, já que ocorrem após qualquer tipo de constituinte e sempre em 2ª posição na sentença. A variação da ordem observada em Kayabí será discutida juntamente com o estatuto desses elementos pronominais.

### CONCLUSÃO

Pudemos observar brevemente a história do povo Kayabí e sua ordem oracional, de acordo, com o tipo de oração (declarativa, narrativa, enfoque): VS, SOV, OSV, VSO.

Os sujeitos pronominais que ocorrem em 2ª posição são pronomes que parecem ter natureza clítica, já que ocorrem após qualquer tipo de constituinte e sempre em 2ª posição na sentença. A variação da ordem observada em Kayabí será discutida juntamente com o estatuto desses elementos pronominais num próximo artigo.

### BIBLIOGRAFIA

- BORSLEY, Robert and ROBERTS, Ian. *The syntax of the celtic languages: a comparative perspective*. New York : Cambridge, 1996.
- DOBSON, Rose M. *The functions of narrative, declarative and focus forms of the Kayabí Verb in Narrative Discourse*. [s.l.] Summer Institute of Linguistics, 1980.
- DOBSON, Rose M. *Aspectos da Língua Kayabí*. Série Lingüística N. 12. Brasília : Summer Institute of Linguistics, 1988.
- DOBSON, Rose M. *Gramática prática com exercícios da Língua Kayabí*. Arquivo Lingüístico N. 228. Cuiabá : Summer Institute of Linguistics, 1997.
- EPSTEIN, Samuel David & HOERNSTEIN, Nobert. *Working Minimalism*. Massachusetts / London : MIT Press, 1999.
- FONTANA, J.M. On the integration of second position phenomena. In.: KEMENAD and VICENT, Nigel. *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge : Cambridge, 1997, p. 207-250.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

GEORGOPOULOS, Carol Perkins. *Syntactic variables: resumptive pronouns and A'binding in Palaun*. Dordrecht : Kluwer Academic Publishers, 1991.

HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to government & binding theory*. 2 ed. Massachusetts : Blackwell, 1994.

HENDRICK, Randall. Morphosyntax. In.: WEBELHUTH, Gert. *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Cambridge : Blackwell, 1995.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 2ª ed. São Paulo : Loyola, 1994.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo : Contexto, 2000.

SPENCER, Andrew. *Morphological Theory: an introduction to word structure in Generative Grammar*. Massachusetts : Cambridge, 1991.

STUMP, Gregory T. Inflection. In: SPENCER, Andrew and ZWICKY, Arnold M. *The handbook of morphology*. Massachusetts : Blackwell, 1998.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. *O fenômeno da não-configuracionalidade na língua Asurini do Trocará: um problema derivado da projeção dos argumentos verbais*. Tese de doutoramento. Campinas : Unicamp, 1993.

WEISS, Helga. *Kayabí verbs*. [s.l.]. Summer Institute of Linguistics, 1972.

WEISS, Helga. *Para um dicionário da Língua Kayabí*. Tese de doutorado. São Paulo : USP, 1998.